

**A CIDADE E O TEMPO LIVRE:
Sociabilidade e Associativismo Civil Desportivo em Blumenau (1970-1984).**

Cristina Ferreira *

Resumo: O estudo propõe-se à análise das formas de sociabilidade dos trabalhadores em Blumenau, no período politicamente dominado pelas ações do governo militar, marcado por constantes conflitos e excessivo controle sobre as ações dos trabalhadores. A proposta é desvendar as relações entre a cultura associativa dos membros das associações recreativas e desportivas e suas práticas culturais e de lazer. Os clubes recreativos formulavam objetivos ligados à integração entre os associados e seus familiares, porém a identificação dos sócios não ocorria apenas com o desporto e as atividades recreativas, mas principalmente através de símbolos e ritualísticas capazes de garantir coesão e identificação grupal, bem como comprometimento com as funções de trabalhador. O elemento mais marcante dessa pesquisa é a diversidade de opções das atividades de sociabilidade. Essa característica possibilita aos indivíduos realizar escolhas mais adequadas às suas necessidades, tornando-as desejadas e agradáveis, pois representam sua vontade e desejo pessoal.

Palavras-chave: Associativismo Civil, Sociabilidade, Tempo livre, Ditadura Militar.

Abstract: The study intends to the analysis in the ways of the worker's sociability in Blumenau, in the period politically dominated by the military government's actions, marked by constant conflicts and excessive control about the workers' actions. The proposal is to unmask the relationships between the associative culture of the members of the recreational and sport associations and their cultural and leisure practices. The recreational clubs formulated objectives connected to the integration between the associates and their relatives, even so the partners' identification didn't just happen with the desports and the recreational activities, but mainly through symbols and rituals capable to guarantee cohesion and group identification, as well commitment with worker's functions. The essencial element of this research is the diversity of options of the sociability activities. That characteristic facilitates the individuals to accomplish choices more adapted to their needs, making them desirable and enjoyable as they represent their personal will and desire. This feature allows individuals to hold more choices to meet your needs, making them desirable and enjoyable as they represent their personal will and desire.

Key-words: Civil Associativism, Sociability, Leisure, Military dictatorship.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o escopo de desvendar as relações entre os trabalhadores, as associações culturais e desportivas, o poder público e os demais indivíduos associados na década de 1970, em Blumenau/SC. Este período foi marcado nacionalmente pela ditadura

* Professora de Pesquisa em História do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau/FURB.

militar, que reprimia as manifestações contrárias a si e, compreendia a ordem social como um pressuposto do progresso, incentivando o dito bom comportamento dos trabalhadores.

O texto discute os conceitos de tempo livre, lazer e desporto, revelando que a conquista dos trabalhadores pelo direito ao tempo livre não garantiu sua ocupação integral com lazer. O propósito da discussão indica que os agentes associativos investem na liberação das sensações em momentos ligados ao lazer. O desporto aparece como uma luta simbólica nas sociedades não agressivas e, em Blumenau, a diversificação das opções de desporto no associativismo civil tornam-se reflexo da busca pela modernidade. Ao mesmo tempo, ocorre a utilização de elementos da tradição como suporte para a atividade turística na cidade.

TEMPO LIVRE, LAZER E DESPORTO

O tempo livre pode ser definido como todo tempo não ocupado com o trabalho remunerado do qual depende a subsistência do indivíduo (ELIAS, 1997:107-110). Além disso, sua produção ocorre “historicamente, em meio às tensões e contradições do desenvolvimento capitalista” (SANT’ANNA, 1992:18), que pretende envolver e coordenar todo o tempo de vida do ser humano, para muito além do tempo de trabalho.

Na contracorrente desta perspectiva, existe uma tentativa de reivindicação por parte dos trabalhadores em favor da redução da jornada de trabalho. As lutas de trabalhadores em prol de seus direitos ocasionaram uma considerável diminuição das horas trabalhadas e a instituição de férias remuneradas, bem como a garantia de aposentadoria contribuíram para aumentar a liberdade de escolha dos trabalhadores em relação aos usos de seu próprio tempo.

Essa proposta de diminuição do tempo de trabalho contraditoriamente cooperou para o sucesso do processo produtivo, pois se constatou que o corpo descansado produz mais e melhor. A partir dessa perspectiva, na década de 70 inicia-se uma preocupação com o lazer e um conjunto de ações para fiscalização dos usos do tempo livre do trabalhador. A proposta era direcionar atividades de descanso e lazer a interesses diversos, tais como: “à indústria da moda, aos meios de comunicação de massa, à disciplina do trabalho, aos objetivos governamentais, etc” (SANT’ANNA, 1992:10).

Forjou-se nesse período um conceito de lazer associado ao trabalho, ou seja, era fundamental não apresentar o tempo de lazer por oposição ao tempo de trabalho, evitando-se ao máximo a negação do trabalho. Havia um discurso que utilizava o lazer como forma de evitar o ócio e aumentar a produtividade e o rendimento a partir do corpo descansado do trabalhador.

Note-se que a polarização entre lazer e trabalho não se sustenta nesta abordagem, pois, durante grande parte do tempo livre, outras atividades e afazeres são executados, inclusive podem ser considerados tão indispensáveis à sobrevivência quanto o próprio trabalho assalariado, portanto, atividades de tempo livre ultrapassam as dimensões do lazer e da sociabilidade. Certas ações podem ser consideradas trabalho não remunerado e são realizadas para a satisfação das necessidades fisiológicas e sociais da maior parte dos seres humanos. Mesmo quando não se trata de atividades trabalhistas, a exemplo de uma festa de família ou reunião entre colegas de trabalho, o autocontrole está presente e sua ausência pode significar um mau julgamento por parte das pessoas presentes (ELIAS, 1997:107-110).

As sociedades industrializadas e altamente diferenciadas exigem das pessoas um autocontrole de sentimentos e ações, que representam em última instância a sublimação e disciplinamento dos desejos. O controle coercitivo dos desejos e a aplicação compulsória da disciplina são onerosos e pouco funcionais para a sociedade industrial, adepta da internalização de normas através de práticas coletivas mediadas pela lógica hegemônica, porque obtém resultados mais permanentes e profundos no comportamento humano.

Além disso, as atividades coletivas não podem ser consideradas apenas instrumentos de controle social e alienação, pois o lazer não é simplesmente determinado por uma elite governamental ou política, nem tampouco é uma atividade puramente livre e idealizada. As práticas de lazer e sociabilidade são “fruto da expressão ativa de relações sociais e das lutas que se estabelecem no cotidiano das camadas populares” (MELO, 2003:55). Pode-se com isso afirmar que o lazer não se caracteriza unicamente como resistência, nem tampouco dominação, já que existem profundas imbricações entre essas duas dimensões presentes no âmbito da cultura, onde “resistência e contra-resistência caminham sempre de forma conjunta” (MELO, 2003:55).

As atividades de lazer ocupam apenas uma pequena parte do tempo livre, e podem ser entendidas, principalmente na atualidade, “por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana” (DUMAZEDIER, 2001:31), ou ainda, como atividades eventuais, não remuneradas, escolhidas livremente, pois são agradáveis e de desejo próprio (ELIAS, 1997:107).

Na esfera pública as demonstrações de excitação, tais como os impulsos, as emoções e os prazeres, são vistos como anomalias. Essa impossibilidade de extravasar os sentimentos nos ambientes sérios, torna as atividades de lazer (que aparecem como uma forma de viver simbolicamente as sensações reprimidas em outros ambientes) essenciais à vida em sociedade. Elias utiliza a expressão “*miméticas*” para denominar as atividades de lazer que

permitem vivenciar e, em certa medida, demonstrar as sensações reprimidas na vida cotidiana. Por meio da criação de tensões o lazer desencadeia sentimentos similares aos sentidos na vida real, porém sem os riscos e ameaças presentes no dia-a-dia (ELIAS, 1997:70-71).

Dentre as atividades miméticas, o desporto assume papel fundamental em sociedades modernas, nas quais a agressividade, as lutas físicas e mesmo as guerras são pouco vivenciadas pelos indivíduos. Sendo assim, o desporto aparece como uma substituição das batalhas que não são presenciadas. Por isso, a maioria dos desportos apresenta um problema vigoroso ligado à conciliação do prazer e da agradável sensação de excitação com dispositivos de vigilância para controlar sensações de descontrole de emoções (ELIAS, 1997:80).

O desporto é uma espécie de luta controlada e os divertimentos em forma de desporto permitem ao jogador “experimentar a plena alegria de um combate sem magoar seres humanos, isto é, com o mínimo de ferimentos físicos” (ELIAS, 1997:94). Isto quer dizer que nas sociedades em que a guerra não é presente, as tensões e a necessidade humana de vivenciar conflitos são experimentadas nos eventos esportivos. Há um entendimento de que estes ocorrem sempre durante os momentos de tempo livre destinados ao lazer, não interrompendo as demais atividades consideradas como sérias.

Numa sociedade cada vez mais controlada, um ambiente que permita, tanto aos jogadores quanto à platéia, extravasar as emoções atrai a população. Contudo, mesmo no esporte há um código de posturas permitido, para que este possa ser socialmente aceito (LUCENA, 2002:132).

DESPORTO E SOCIABILIDADE NA DITADURA MILITAR EM BLUMENAU

Na década de 1970 o Brasil vive um período de grandes contradições, por um lado muita violência e por outro ordem social, assim como a modernização se opõe à corrupção e à impunidade, presentes na época (GOMES, 1998:551). Em 1969 assume a presidência da república o General Emílio Garrastazu Médici, responsável pelos anos mais duros da ditadura. No seu governo inicia-se o dito “milagre econômico”, que foi um momento de suposto crescimento econômico, possibilitado pelos diversos empréstimos estrangeiros, tanto públicos quanto privados, em que a ordem social era mantida através da repressão.

Além das derrotas políticas, o governo militar viu, neste período, o ressurgimento dos movimentos sociais; como as associações de bairro, para a melhoria das condições de vida da população local; além de outros movimentos maiores, até a criação de sindicatos desvinculados das ações do governo. A proposta era trazer os atores sociais para o cenário político, fazendo com que a população reivindicasse a participação nas decisões que

interferiam no seu cotidiano, com o intuito de construir uma “democracia duradoura no Brasil” (GOMES, 1998:554).

A população de Blumenau, por sua vez, se solidarizou com o golpe militar, apoiando a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que foi uma das manifestações mais substanciais do anticomunismo, organizada pela Igreja Católica em parceria com os militares. Porém, assim como na maioria das localidades brasileiras, os resultados das eleições, durante a década de 1970, indicam um desconforto com o sistema político vigente nacionalmente. Assim, durante todo este período o MDB esteve presente no governo local, sem eleger representantes da classe empresarial (SIMÃO, 1995:88). Como tentativa de reaver o apoio perdido, por várias vezes, Blumenau recebeu visitas de presidentes militares: Médici e Geisel, além de João Baptista Figueiredo, que esteve na cidade em outubro de 1978, antes de ser nomeado em 1979. Porém, estes tiveram contatos apenas com representantes das classes política e empresarial, chegando a assegurar a distância dos populares com reforçado sistema de segurança (ACIB:1981).

A crise que abalou o mundo em 1973, teve reflexos intensos na região de economia industrial. A demissão de funcionários das modernas fábricas e o aumento descontrolado da inflação foram inevitáveis e extremamente prejudiciais aos trabalhadores. Esta crise fez com que os dirigentes municipais buscassem manter a fama de modernidade para a cidade e, utilizando-se do discurso do “empreendedorismo e capacidade” dos empresários locais, procuravam garantir a instalação de indústrias multinacionais na cidade e amenizar os efeitos da crise, fator que implicou no agravamento das condições de trabalho dos operários.

No final da década de 1970, aproximadamente 62% da população economicamente ativa trabalhava na indústria, 15% nos estabelecimentos prestadores de serviços, 12% no comércio e 11% eram autônomos (O GOVERNO VIANNA...). Estes índices demonstram uma grande concentração de operários nas indústrias e a diminuição do número de trabalhadores no campo, fator que indica maior crescimento urbano e industrialização para a cidade.

Para ocupar o tempo livre destes novos trabalhadores industriais o desporto tornou-se evidenciado e a exigência do amadorismo nas práticas desportivas eram frequentes no associativismo civil. A ação das elites locais, combinadas com o poder público ficam evidentes na frase: “Blumenau não consegue atingir no futebol profissional o desempenho que seguidamente apresenta nos esportes amadores, onde a hegemonia no Estado é absoluta.” (O GOVERNO VIANNA...).

A ditadura militar e os empresários repudiavam o ócio e incentivavam a adequação do tempo livre aos preceitos da moral engendrados na época. Com o intuito de combater as práticas ociosas, os poderes público e privado passam a se preocupar com os usos do tempo livre e criam espaços e programas destinados à realização de atividades “autorizadas” e úteis ao capitalismo. A partir de então, surge o lazer para “designar todo o uso do tempo livre que de algum modo pudesse ser útil economicamente e aceito pelos padrões morais instituídos” (SANT’ANNA, 1996:10). Os ambientes coletivos foram privilegiados, assim os patrões sabiam onde e o que estavam fazendo seus empregados, gerando várias formas de controle, inclusive dos próprios operários entre si. O Esporte era bem aceito, pois proporcionava um condicionamento físico apropriado ao trabalho e era praticado em grupo, promovendo um mútuo controle. Iniciou-se, por isso, um discurso favorecendo os corpos saudáveis, fazendo com que o trabalhador ocupasse seu tempo livre através de atividades esportivas e recreativas.

Para entender a estrutura de dominação, presente nas associações ligadas às empresas, a compreensão do conceito de *habitus* é essencial. *Habitus* pode ser considerado um sistema de disposições adquirido historicamente, que gera estruturas e práticas, algumas vezes interessantes para alguns grupos. O *habitus* auxilia na existência de uma classificação, definida pelas posições sociais, que reflete numa desigualdade e numa dominação social (MARCHI JR., 2002:89).

O interior das associações também era regido pela ritualística e pelo caráter simbólico, elementos que aparentemente proporcionavam tanto para a instituição quanto para seus integrantes, um caráter de solidez e permanência, pois num certo sentido revelavam capacidade administrativa e tendência a preservação das conhecidas formas de vida, e por conta disto seguras, sustentadas por intermédio da história e/ou da tradição, por sua vez, cultuadas através de uma simbologia e de um calendário de celebrações festivas.

Certas empresas utilizaram as associações para influenciar a vida política e social de seus funcionários. A diretoria, em geral, decidia as atividades que seriam realizadas, com o intuito de preservar seus interesses e sustentar a lógica do discurso “a favor” dos interesses coletivos. Em Blumenau, das cinquenta e três associações registradas na década de 1970, trinta e cinco tinham algum vínculo com uma instituição geradora de empregos, devido ao incentivo das empresas e do Governo em favor de uma boa ocupação para o tempo de não-trabalho.

A relação entre associação, empresa e algumas vezes a cooperativa (local mantido pela empresa para comércio de gêneros alimentícios) era muito evidente. Os patrões auxiliavam e, muitas vezes, até “doavam” a sede para a associação. Dessa forma os empregados teriam seu

lazer controlado pela direção da empresa, que inclusive demitia funcionários que não apresentassem bom comportamento no ambiente da sociedade, portanto, qualquer atitude desrespeitosa era punida, tanto na associação quanto na própria empresa.

No entanto, cabe entender as associações como “campos”, ou seja, “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nesses espaços” (BOURDIEU apud MARCHI JR, 2002:91). Nelas as relações de poder acontecem de forma menos explícita, visto que patrões e empregados parecem mais próximos. Contudo, através das punições percebe-se a continuidade da dominação. Isso se confirma na entrevista concedida por Osório de Fáveri, ex-funcionário da Teka e ex-presidente da Associação Recreativa e Cultural Teka - ASTEKA: “Dependendo da atitude, do que havia acontecido, podia ganhar suspensão da associação. E também, se extrapolasse muito, podia até ter casos de demissão da empresa” (FÁVERI:2007).

Note-se que neste período, o poder público incentivava o associativismo dos trabalhadores para reunirem-se em sindicatos e associações comunitárias, logicamente com o intuito de gerar uma clara definição das regras e normatizar condutas nesses estabelecimentos.

As associações comunitárias, diferente dos clubes ligados às indústrias, tinham outra relação com seus associados, sobretudo no que se refere ao caráter reivindicatório de seus atores sociais em relação a possíveis melhorias na sua condição de cidadãos. Por outro lado, as autoridades e lideranças locais também utilizavam-se da estrutura associativa desses grupos para realizar discursos e promover campanhas políticas. Uma das únicas associações comunitárias de Blumenau, a ser criada na década de 1970, o Centro Comunitário Esportivo Fortaleza, foi registrada somente em 1991, enquadrada no decreto estadual 28.864/86. Este decreto descreve as finalidades e demais características que a associação deveria conter em seu estatuto. Um dos fatores que revela o interesse do poder público local na região do bairro Fortaleza como um lugar que merece atenção especial quanto aos seus eleitores, é o fato de que o terreno da associação foi doado pela prefeitura, em 1976. Isto é um indicativo de que, neste período, o lazer passa a integrar de modo mais sistemático os programas de governo.

Diversos times de futebol faziam suas partidas em terrenos particulares na região que compreende hoje o bairro Fortaleza que, na década de 1970, junto com o Bairro Ponta Aguda, estavam entre os últimos a adquirir caráter urbano. Isso é decorrente do fato de que a maior parte dos bairros da cidade não contava com uma ligação adequada ao centro da cidade e, além disso, durante um longo período as terras estavam sob exclusiva posse de proprietários “que não tinham interesse em parcelá-las” (CPU/IBAM/Lions Club. apud FROTSCHER, 1999:127). O Centro Comunitário Esportivo foi criado para institucionalizar as práticas

desportivas na tentativa evidente de evitar problemas com os donos dos terrenos que eram frequentemente utilizados pelos moradores da comunidade para a prática do futebol. A prefeitura cedeu o local para oficializá-lo enquanto lugar de esporte e garantir o mútuo controle daquela comunidade. A sede foi construída ao lado de um jardim de infância e, segundo os estatutos do clube, os próprios moradores e colegas de partida tinham a função de zelar pela propriedade e “bons costumes” no local.

No associativismo desportivo a diversidade de objetivos encontrada nos estatutos¹, trinta e cinco num universo de cinquenta e três associações, indica a mudança de abordagem no período. Portanto, ao contrário da situação que antecede a presente pesquisa (décadas de 50/60), nos quais os principais objetivos das associações estavam vinculados de modo muito marcante às práticas do tiro ao alvo e do futebol, na década de 1970 acontece uma diversificação das atividades de sociabilidade ligadas às associações.

As práticas predominantemente citadas pelos estatutos das associações como objetivos são as que envolvem o caráter cultural, esportivo, recreativo, social e de integração, realizadas através de festas, campeonatos esportivos, colônias de férias e gincanas. Essas atividades comumente eram organizadas pela direção da associação, que dificilmente trabalhava contra os interesses dos patrões ou do governo.

A diversificação dos objetivos citados nos estatutos pode ser explicada devido a um fator principal. O enfoque da década de 70 encontra-se no discurso de modernidade, procurando adequar a cidade aos padrões da chamada onda de progresso nacional. A modernização das indústrias e dos estabelecimentos comerciais também traz aos trabalhadores novas modalidades para os momentos de lazer. Com essa diversificação aparecem atividades como esportes náuticos, judô e karatê, pára-quedismo, automobilismo e hipismo.

“O incentivo à indústria automobilística por parte do governo federal faz as cidades substituírem o pedestrianismo, o ciclismo e o uso do trem pelos veículos motorizados” (FROTSCHER, 1999:127). Da mesma forma, no esporte, o ciclismo que era incentivado pelas indústrias nas décadas anteriores, dá lugar ao automobilismo, aos esportes náuticos e ao pára-quedismo, agora incentivados, principalmente, pelo poder público municipal. Como exemplo desse incentivo ocorre a construção de um alvo para o pára-quedismo, garantindo a realização do campeonato desta modalidade; entre os Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul; em Blumenau. Além disso, os circuitos das corridas de automóveis aconteciam nas vias públicas, que chegavam a ser fechadas para tais eventos. Porém não há uma quebra completa

¹. Estatutos encontrados no Banco de dados estatutários do Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais – NEPEMOS – da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

com os esportes considerados tradicionais, como o skat (jogo de cartas) e a bocha, que ganham associações específicas para as suas práticas, além de campeonatos organizados pela prefeitura, realizados em toda a cidade e até em âmbito externo.

O caráter cultural chega a ser o objetivo mais citado nos estatutos das associações deste período, pois 62% das associações indicam a “promoção da cultura entre os seus associados”. Esta cultura é entendida como as manifestações de caráter tradicional, o aperfeiçoamento da intelectualidade e melhoria na educação dos indivíduos. Osório de Fáveri informa que “a associação, as associações, a nossa associação, [...] realmente serviu para educação, para cultura, para o amadurecimento e desenvolvimento de todo o trabalho” (FÁVERI, 2007). Também pode-se considerar como cultura, os próprios rituais e práticas, tais como celebrações, normas e costumes presentes nestes espaços coletivos. Neste caso, a “cultura” pode ser compreendida como “uma espécie de recurso, de formas ou alternativas de conduta ou comportamento historicamente disponíveis aos membros de uma determinada comunidade ou classe social” (CHALHOUB, 2005:255).

A procura por quaisquer manifestações que tivessem proximidade com as práticas dos antepassados alemães tornou-se intensa. Percebe-se, claramente, que esta foi uma das tentativas de assegurar os votos da população blumenauense, priorizando o turismo, impulsionado pelo uso das tradições dos imigrantes alemães o qual, tempos depois origina a Oktoberfest, festa bastante lucrativa para a cidade. O poder público municipal (Governo Vianna: 1977-82) gera uma intensificação das ações que reforçam os usos de um passado glorioso para ampliação das áreas de lazer e um “processo rápido de humanização e cultura” (O GOVERNO VIANNA...).

Havia um firme propósito de propagação da cultura como uma categoria “[...] linear, superficial e unidimensional, restringindo as possibilidades de vivências de lazer da população e colocando em risco as manifestações tradicionais da cultura popular” (MELO, 2003: 23). Isso demonstra que a busca pela reafirmação das tradições alemãs para aplicação turística, ocorreu através de diversas formas de subsídios concedidos pelo governo municipal às entidades interessadas em aderir à proposta governista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ditadura militar reprimiu diversas formas de expressão e difundiu com orgulho as vantagens do "milagre econômico". Em Blumenau essa sensação de progresso foi sentida pela indústria e comércio, que em alguns casos prosperavam com as exportações e a vinda de um expressivo número de turistas. Porém, os trabalhadores não tiveram a mesma sensação, já que

seus salários foram reduzidos por conta do alto índice inflacionário e mesmo com vagas disponíveis nas indústrias, tiveram seu poder de compra reduzido drasticamente.

Em meio a estes conflitos, o esforço dos trabalhadores para garantir suas horas de tempo livre fez com que o poder público e os empresários passassem a se preocupar com as atividades realizadas durante seu tempo livre. Associações foram criadas com o intuito de tutelar as práticas de lazer mais indicadas à manutenção da ordem estabelecida. Por isso, os clubes recreativos do período formulavam objetivos ligados, principalmente, à difusão da cultura e do esporte e à integração entre os associados e seus familiares. Porém, a identificação dos associados não ocorria apenas em relação ao desporto e às atividades recreativas, mas principalmente através de símbolos e ritualísticas capazes de garantir coesão e identificação grupal, bem como comprometimento com as funções de trabalhador.

No período estudado as associações recreativas apresentavam variadas modalidades desportivas; tais como: automobilismo, hipismo, bocha, skat, pára-quedismo, esportes náuticos, judô. A busca pela modernidade, representada pela criação de novas associações, coexistiu com a tentativa de reavivar lazeres trazidos pelos imigrantes alemães, com o objetivo de recriar uma identidade germânica, que garantisse sustentação ao turismo local.

O elemento mais marcante dessa pesquisa é a diversidade de opções das atividades ligadas ao desporto. Essa característica presente em algumas sociedades possibilita aos indivíduos realizar atividades de escolha mais adequadas às suas necessidades, tornando-as desejadas e agradáveis, pois são fruto de sua vontade e escolha pessoal. Isso é um indicativo de que as atividades coletivas não são apenas instrumentos de controle social, pois os agentes associativos engendram suas próprias formas de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

ACIB: 90 anos de memória. Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1981.

BLUMENAU. Prefeito (1977-1982: Vianna). **O Governo Vianna:** Quatro anos que fizeram de Blumenau uma cidade ainda mais humana e desenvolvida. Blumenau, s.d. - Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: UNICAMP, 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Portugal: Difel, 1997.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FÁVERI, Osório de. Depoimento: outubro, 2007. Entrevistadoras: Cristina Ferreira; Sara Krieger do Amaral. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2007. Digital (68 min.) Entrevista concedida ao projeto “Cultura Simbólica e Ritualística no Associativismo Civil Cultural, Desportivo e Recreativo em Blumenau (1970-1984)”.

FROTSCHER, Méri; VEDANA, Léa Maria Ferreira. **Viagens pela Cidade:** o transporte coletivo de Blumenau. Florianópolis: Insular, 1999.

GOMES, Angela de Castro. **A Política Brasileira em Busca da Modernidade:** na fronteira entre o público e o privado. *In:* NOVAIS, Fernando A. (dir.), SCHWARCZ, Lilia M. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (vol.4)

LUCENA, Ricardo. **Elias:** individualização e *mimesis* no esporte. *In:* PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

MARCHI JR., Wanderley. **Bourdieu e a Teoria do Campo Esportivo.** *In:* PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e Minorias Sociais.** São Paulo: IBRASA, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **O Prazer Justificado:** História e Lazer. São Paulo: Marco Zero, 1996.

SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau:** da indiferenciação étnica a diferenciação de classe. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Serviço Social – PUC/SP, 1995.